

ETNOCONHECIMENTO E SEGURANÇA ALIMENTAR EM QUINTAIS AGROFLORESTAIS NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE JAMBUAÇU, MOJU-PA

Fábio da Silva Sena ¹
Alessandra Oliveira dos Santos ²
Yvens Ely Martins Cordeiro ³

A pesquisa objetivou discutir sobre o etnoconhecimento acumulado pelas comunidades tradicionais através de séculos de estreita relação com a natureza, desempenha papel fundamental para a manutenção da diversidade biológica, assegurando também a utilização racional dos recursos naturais. De acordo com Loureiro (2000), o Etnoconhecimento se refere as experiências de vida que os povos tradicionais conservam a partir de conhecimentos da natureza, conhecimentos esses produzidos por diferentes povos e etnias a partir do saber popular. Em consonância, os quintais agroflorestais configuram-se como espaços de produção e ambiência sociocultural, contribuindo com a qualidade de vida dos moradores locais, por meio da segurança alimentar, manutenção das interações sociais e conservação da agrobiodiversidade.

Nesse viés, o objetivo geral deste trabalho foi evidenciar e analisar a percepção do etnoconhecimento de agricultores familiares quilombolas na comunidade Oxalá Jacundai, Território de Jambuaçu, na cidade de Moju no estado do Pará, em relação à segurança alimentar e sobre o uso de plantas medicinais, ambos em quintais agroflorestais. A pesquisa foi desenvolvida mediante abordagem qualitativa e quantitativa, onde foram escolhidos 8 (oito) informantes chaves, que responderam ao questionário semiestruturado digital sobre etnoconhecimento, segurança alimentar e usos de plantas medicinais em sua comunidade.

A escolha do tema deu-se a partir de inquietações com os saberes do Etnoconhecimento em territórios quilombolas, a partir de minha imersão no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que pesquisava o presente tema, o que corroborou com outras dúvidas que carregava desde o ensino médio. Os resultados indicam que a comunidade Oxalá Jacundaí apresenta uma grande diversidade de saberes tradicionais e faz bom uso deste saber, o qual vem sendo repassado de geração a geração. Esta pesquisa se

¹ Graduando do Curso de Educação do Campo da Universidade Federal - UF, Fabiosena040599@gmail.com;

² Mestre pelo Curso de Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal do Pará - UFPA, alessandra.santos@escola.seduc.pa.gov.br;

³ Professor orientador: Doutor em Ciências Agrárias, Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA, yemcordeiro@ufpa.br.

desenvolveu durante a pandemia da COVID-19. Todos os informantes autorizaram através de um TCLE (Termo de Livre Consentimento Esclarecido) digital a divulgação da pesquisa. Estes informantes foram escolhidos por serem agricultores familiares e por possuírem quintais agroflorestais em seus lotes. Os dados foram coletados de agosto de 2020 a julho de 2021. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos através do cadastro no Sistema de gestão da educação municipal (SIGEN). No momento da entrevista foi comunicado aos participantes sobre os objetivos da pesquisa, deixando claro sobre o sigilo das informações por eles repassadas.

A comunidade Oxalá Jacundaí fica localizada no território de Jambuaçu, no município de Moju-Pa. É perpassado pelo igarapé de mesmo nome e habitado por grupos autos identificados como quilombolas, que têm como meio de sobrevivência a agricultura, extrativismo de frutas, a caça e produção de farinha para consumo e venda. A região é coberta por florestas amazônicas e por campos naturais, mas atualmente a cobertura vegetal nessa região se apresenta alterada, em fragmentos de vegetação nativa.

Dessa forma, a primeira parte do questionário aplicado aos sujeitos entrevistados, diz respeito a idade, escolarização e condição financeira dos mesmos, observando-se que a grande maioria dos sujeitos da pesquisa são jovens, com idades entre 18 e 30 anos de idade. Seguido de uma pequena parcela de pessoas com idade entre 45 e 60 anos. O segundo tópico diz respeito ao grau de escolaridade dos entrevistados, onde observou-se que 80% dos sujeitos frequentam ou frequentaram o ensino superior, seguido com menos de 13% que cursam ou cursaram até o ensino médio.

No que se refere a condição financeira dos entrevistados, constatou-se que cerca de 62% dos entrevistados vivem em uma condição financeira média; cerca de um salário e meio. Enquanto outros 37% vivem apenas com um salário mínimo na comunidade. Dito isto, a utilização de plantas medicinais pode ser utilizada como alternativa por povos mais vulneráveis socioeconomicamente. Sobre isso, Silva, Lobato e Canete (2019. p. 117), discutem que as plantas medicinais “constituem um dos principais meios para o tratamento de diversas doenças, considerando o contexto cultural, a ausência de proximidade com locais onde há atendimento médico, o baixo custo comparado ao dos medicamentos sintéticos e a confiabilidade.”

Quando perguntados se acreditam nos saberes tradicionais existentes na comunidade, 100% dos entrevistados responderam que sim. No que se refere a utilização dos saberes tradicionais no cotidiano, 100% dos entrevistados responderam que os utilizam em seu cotidiano. Referente ao repasse de conhecimentos tradicionais na comunidade em questão,

observa-se que mais de 87% dos entrevistados consideram importante ensinar as gerações futuras sobre os saberes tradicionais referentes às plantas e aos alimentos naturais, enquanto 12% dos entrevistados responderam que não há interesse em repassar esses conhecimentos. Visto isso, cita-se a pesquisa desenvolvida por Pereira e Ferreira (2017, p. 67), que discute acerca do importante papel dos detentores dos saberes tradicionais e que “as trocas de conhecimentos e recursos entre moradores de determinada comunidade contribuem para o enriquecimento e manutenção do importante acervo da cultura quilombola”

Considerando que na atualidade os saberes científicos estão mais presentes no cotidiano das pessoas por meio das novas tecnologias e que estes constituem, portanto, uma maior valorização, os saberes tradicionais ficam minimizados do cotidiano dos jovens, causando pouca ênfase e menor visibilidade para as novas gerações. Dessa forma, observa-se que 100% dos entrevistados concordam que não há devida valorização dos saberes tradicionais no meio juvenil.

Partindo para outra parte da pesquisa, referente às plantas medicinais, 100% dos entrevistados utilizam as plantas medicinais para consumo próprio, e 100% dos entrevistados respondem que os conhecimentos de plantas medicinais vêm de conhecimentos tradicionais familiares. Quando perguntados sobre a forma de obtenção das plantas medicinais cerca de 50% dos entrevistados responderam que cultivam as suas próprias plantas para cultivo. 37% responderam que pegam as plantas medicinais com vizinhos e os outros 13% responderam que utilizam as plantas medicinais quando estão presentes na comunidade, e quando não estão, procuram comprar em feiras e supermercados. Dessa forma, destaca-se que o cultivo familiar desses vegetais, constituem-se como um dos principais meios de proveniência dessas plantas, apesar de que pouco se sabe a respeito das plantas medicinais cultivadas nos quintais (Ferreira, Rodrigues, Costa. 2016).

Adiante, 100% dos entrevistados acreditam que as plantas medicinais são melhores do que os remédios encontrados em farmácias. De acordo com Silva (2019, p. 22.) o fato de se acreditar que os remédios caseiros são melhores que os remédios farmacológicos, se dá a partir da “origem natural das plantas, a ausência de efeitos colaterais e o baixo custo financeiro são justificativas pela preferência dos remédios caseiros”.

Outro ponto de grande relevância para o desenvolver da presente pesquisa é sobre alimentos produzidos pelos agricultores locais. 50% dos entrevistados responderam que dão preferência para os agricultores locais, enquanto os outros 50% responderam que preferem outros tipos de proveniência dos alimentos. Quando perguntados sobre a procedência dos alimentos, cerca de 87% procuram saber a proveniência e cerca de 12% responderam que não

buscam compreender as origens. Adiante, 100% dos entrevistados fazem uso de ao menos um alimento cultivado por eles mesmos, o que pode promover a valorização da agricultura local e promover a disseminação de práticas dessa natureza em toda a comunidade. Ademais, 100% dos entrevistados responderam que procuram manter a higienização total dos alimentos.

Seguindo com o questionário, 87,5% dos entrevistados responderam que preferem utilizar alimentos orgânicos, enquanto 12,5% responderam que preferem outros tipos de alimentos. Perguntados sobre a previsão de consumo de alimentos orgânicos pelas famílias, 75% responderam que as suas famílias consomem cerca de 20% a 50% de alimentos orgânicos mensalmente, outros 12,5% responderam que até 20% dos seus alimentos são orgânicos e outros 12,5% responderam que não consomem alimentos orgânicos. Já quando perguntados sobre o consumo de alimentos industriais 50% dos entrevistados responderam que consomem cerca de 20% a 50% na alimentação, outros 37,5% responderam que o consumo desses alimentos é superior a 50% e 12,5% responderam que consomem até 20% em alimentos industriais. No que se refere a preservação dos lotes de terra para uma produção mais sustentável, 60% dos entrevistados concordam que os agricultores locais preservam seus lotes de terra para a agricultura sustentável, enquanto 37% responderam que não há essa preservação.

Outro ponto importante dessa discussão evidenciar a necessidade de políticas públicas e projetos vinculados a preservação de saberes tradicionais das comunidades e também políticas que valorizem a preservação e manutenção dos alimentos orgânicos. Dessa forma, quando perguntados se concordavam que poderia haver mais projetos que discutissem sobre a importância da preservação dos saberes tradicionais, 100% dos entrevistados responderam que sim.

Conclui-se, portanto, que a comunidade quilombola Oxalá Jacundaí apresenta uma grande diversidade de saberes tradicionais e faz bom uso deste saber, o qual vem sendo repassado de geração a geração. Observou-se que mesmo as gerações mais jovens, imersos nas novas tecnologias, valorizam este saber tradicional que é de grande importância para a sua comunidade. Ademais, conclui-se que a comunidade Oxalá Jacundaí apresenta valiosas percepções acerca do etnoconhecimento de agricultores familiares, utilizando-os para um modo de vida mais saudável, proporcionando segurança alimentar no consumo de alimentos orgânicos assim como através do uso de plantas medicinais, ambos produzidos em quintais agroflorestais. Considera-se que ainda há muito o que se aprender com os saberes tradicionais existentes nas comunidades, a citar a comunidade de referência dessa pesquisa; Oxalá

Jacundaí, sendo, portanto, dever de todos proteger esses saberes para que os mesmos não venham a ser esquecidos com o passar das décadas ou desvalorizados no meio social.

Palavras-chave: Etnoconhecimento; Quintais agroflorestais; comunidades tradicionais.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, L. B.; RODRIGUES, M. O.; COSTA, J. M. Plantas Mediciniais Cultivadas em Quintais Urbanos do Bairro do Algodal, Pará, Brasil. Abaetetuba-PA, **Revista Fitos Rio de Janeiro**, Vol, 10 (3), p. 220-372. Setembro de 2016.

LOUREIRO, C.F.B. Sociedade e meio ambiente: a Educação Ambiental em Debate. **Cortez**, São Paulo, 2000.

SILVA, A.C. LOBATO, F.H.C. CANETE, V.R. Plantas Mediciniais e seus usos em um Quilombo Amazônico: o caso da comunidade quilombola do Abacatal, Ananindeua – PA. **Nufem: Phenom. Interd.** Belém, 2019. p 113 – 136.

SILVA, Roberto Junior Ribeiro da. **Plantas Mediciniais usadas na preparação do choque no assentamento agroextrativista São João Batista** – rio Campompema, Abaetetuba, Pará. Trabalho de conclusão de curso. Universidade federal do Pará, 2019.

PEREIRA, M. G. S.; FERREIRA, M. C. Uso e Diversidade de Plantas Mediciniais em uma Comunidade Quilombola na Amazônia Oriental, Abaetetuba, Pará. **Biota Amazônia**, v.7. n.3, p.57-68. 2017.